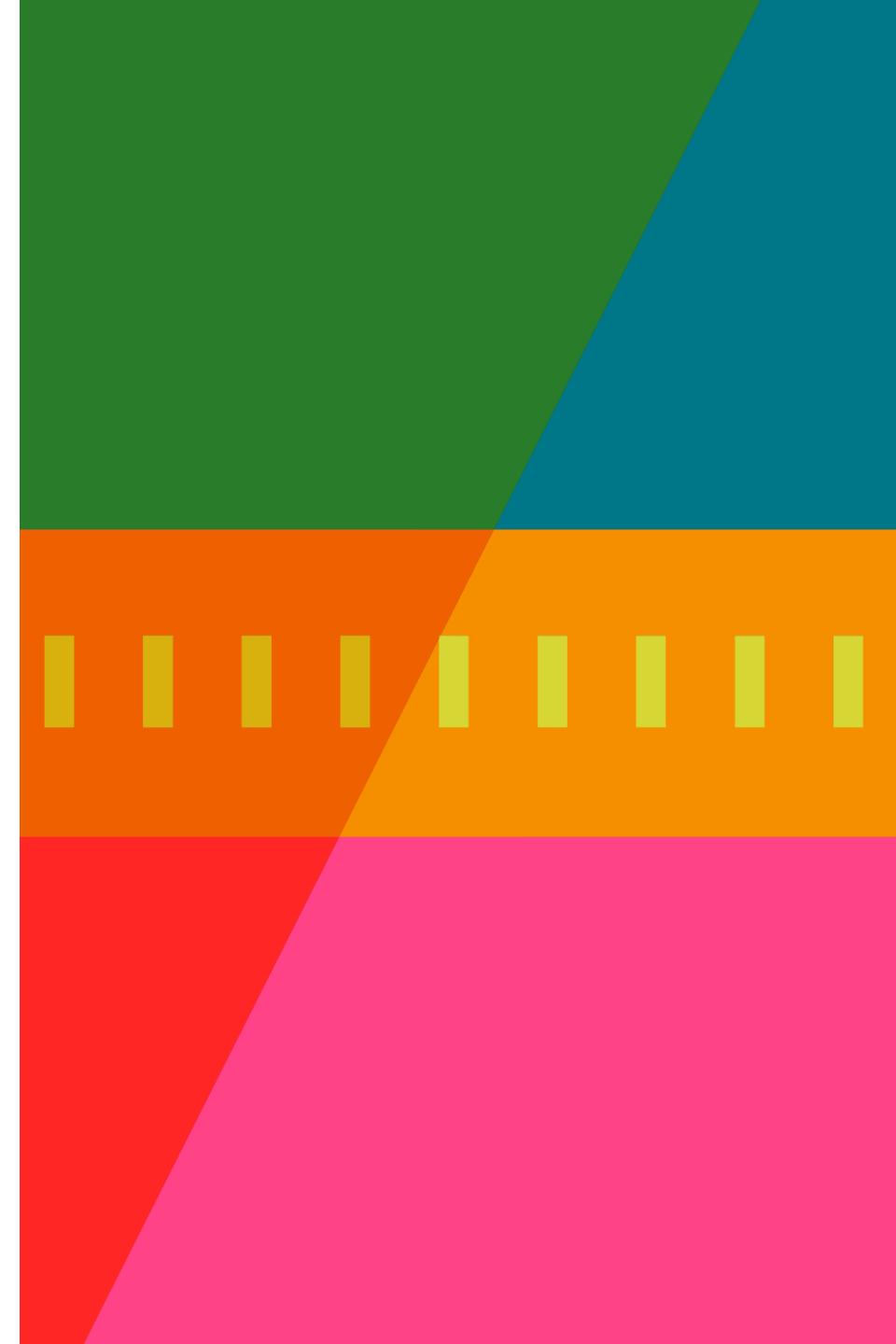


Protestos sob confete e serpentina: Um olhar para o carnaval carioca como manifestação crítica

Rafael Otávio Dias Rezende

Introdução

- O artigo investiga como o carnaval carioca serviu de instrumento artístico e cultural para que grupos sociais manifestassem a crítica entre os séculos XIX e XX.
- Compreende-se, com isso, o espaço da rua durante os dias de festa como ambiente de confrontos por poder, disputa de narrativas, construções identitárias, embates ideológicos e movimentos de negociação e de resistência.
- A pesquisa possui abordagem histórica e bibliográfica, integrando a tese de doutorado em Comunicação sobre a crítica nos enredos das escolas de samba. Por isso, nas considerações finais, reflete-se quais as características e temáticas foram posteriormente absorvidas pelos sambistas, pensando as agremiações como herdeiras dessas relações construídas pela população foliã do Rio de Janeiro.



O indomável entrudo

- Primeira modalidade carnavalesca adotada no Brasil, o entrudo teve o seu primeiro relato datado de 1553, em Pernambuco (Diniz, 2008).
- Havia duas diferentes modalidades de entrudo: o familiar e o popular. O segundo tipo reunia majoritariamente escravos e pobres. Nele, os participantes lançavam uns aos outros qualquer tipo de líquido ou pó como munição. Considerado mais agressivo e espontâneo, adquiria contorno revolucionário ao dar a impressão de que, naqueles dias, eram os marginalizados que controlavam os espaços públicos da cidade (Ferreira, 2004).
- A subversão contida na festa se manifestava por meio da indefinição das fronteiras sociais e a possibilidade de maior permissividade dada às mulheres “de família”.
- Maior ruptura ocorria no ocultamento da identidade dos negros por meio das fantasias. Afinal, a cor da pele era o signo determinante no estabelecimento de hierarquias. Inclusive, esse recurso viabilizava o aumento de fugas e revoltas de negros escravizados durante o carnaval, assustando as elites pela eliminação da diferenciação social tão explícita no dia-a-dia.

- Outra característica frequente e subversiva presente na forma como os negros brincavam o entrudo consistia em pintar os rostos com pó branco, visando inverter os signos raciais. A cena foi retratada em famosa obra do pintor francês Jean-Baptiste Debret (figura ao lado).
- Como apontado por Cunha (2011), o indivíduo negro travestido de branco expressava na sátira os conflitos sociais, ria para representar a diferença e questionar a dominação.



Cena de Carnaval, de Debret (1823)

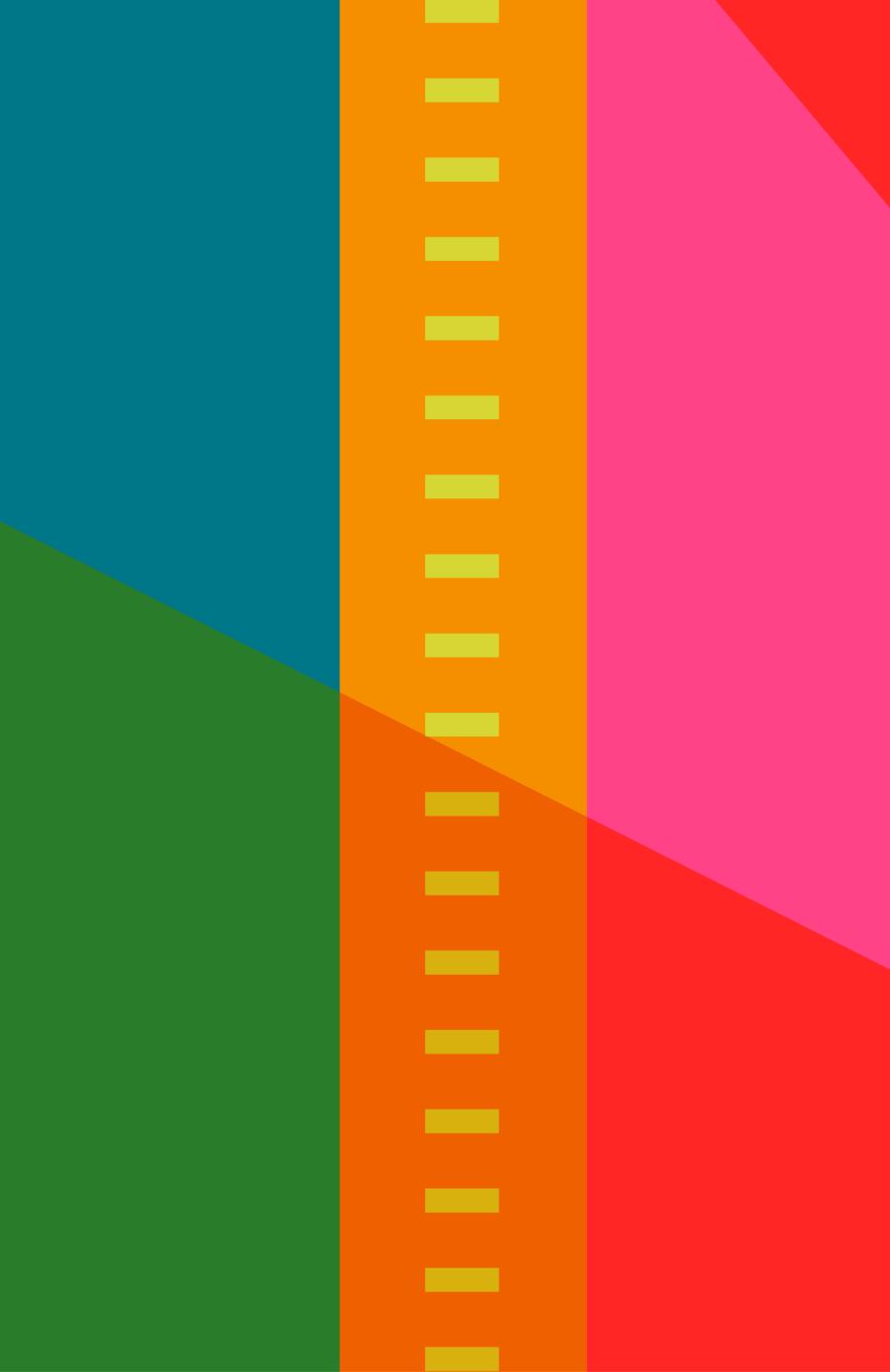
A burguesia triunfa com as sociedades



- Surgidas em meados do século XIX, as sociedades eram grupos que desfilavam com fantasias requintadas e carros bem ornados. As mais famosas foram os Tenentes do Diabo, Os Democráticos e Os Fenianos.
- Suas alegorias eram chamadas de “carros de ideias” ou “de críticas”, pois abordavam temas polêmicos da vida política ou cultural do país.
- Essas grandiosas plataformas despertavam gargalhadas da multidão, com suas esculturas em papel machê caricaturando acontecimentos políticos, costumes, além de representações da natureza, deuses e outros elementos inspirados na cultura greco-romana.

- As principais lutas das sociedades eram a defesa pelo fim da escravidão e da monarquia, exibindo suas críticas nos desfiles, músicas e em publicações impressas lançadas ao longo do ano. No carnaval de 1881, por exemplo, os Fenianos desfilaram com o carro A mancha de Júpiter, onde a figura de dom Pedro II aparecia manchada pelo escravagismo (Costa, 2007).
- O engajamento incluía ainda participação em passeatas e a compra da alforria de escravos, geralmente libertados durante o carnaval.
- Porém, o interesse nas questões raciais se limitava à abolição. Isso porque as sociedades eram compostas pela burguesia majoritariamente branca que considerava a cultura e a religiosidade afro-brasileira como selvagens. Sendo assim, seus membros pretendiam educar e civilizar o povo que assistia aos cortejos, em um pensamento que permanecia elitista e excludente (Cunha, 2011).

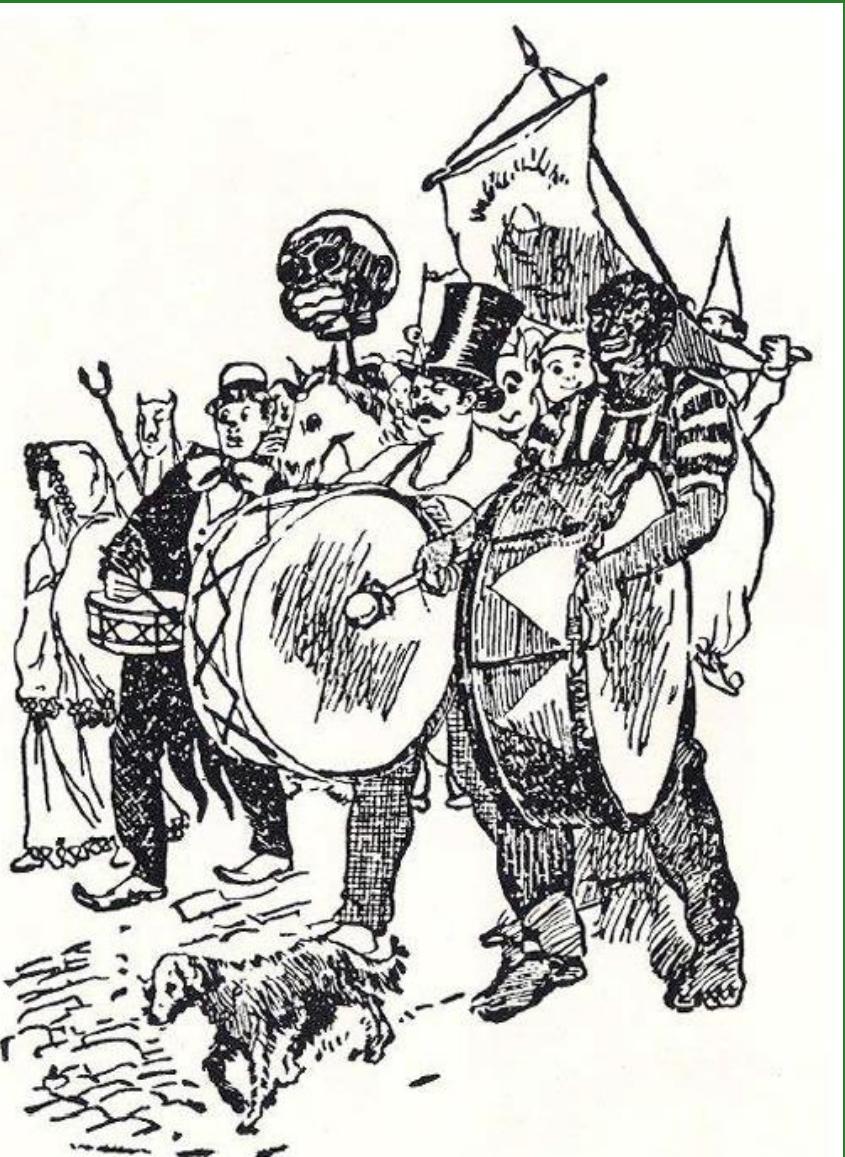




O carnaval popular entre a resistência e a negociação

- A intenção da elite de promover uma festa em que o povo fosse apenas um mero espectador não vingou no Brasil. As classes populares se interessaram tanto pelos novos modelos de carnaval que, recombinação as referências do entrudo e outras experiências culturais, desenvolveram agrupamentos originais para a folia.
- Dessa forma, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX instituições carnavalescas com viés popular ocuparam as ruas da então capital federal, como os zé-pereiras, os cucumbis, os cordões, os ranchos e os blocos.

Zé-pereiras



- De herança lusitana, os zé-pereiras se caracterizaram, sobretudo, pelos enormes bumbos que tocavam (Diniz, 2008).
- Seus membros eram majoritariamente negros e brancos pobres, que se utilizavam dessa manifestação para ridicularizar as classes superiores.
- O vestuário continha signos da hierarquia social, mas de forma carnavalizada, tais como paletós do avesso e enfeitados com alhos ou vestidos de capim, barrigas volumosas representando os “respeitados senhores” e dizeres colados nos chapéus com pilhérias direcionadas à elite (Cunha, 2011).
- Expressão análoga aos zé-pereiras era a *guerra às cartolas*, enquanto protestos carnavalizados contra a desigualdade. Os guerrilheiros em questão eram rapazes que, nas décadas finais do século XIX, atacavam as cartolas dos homens que insistiam em sair de casa nos dias da folia portando na cabeça esse símbolo da formalidade e da distinção social (Cunha, 2011).

Cordões

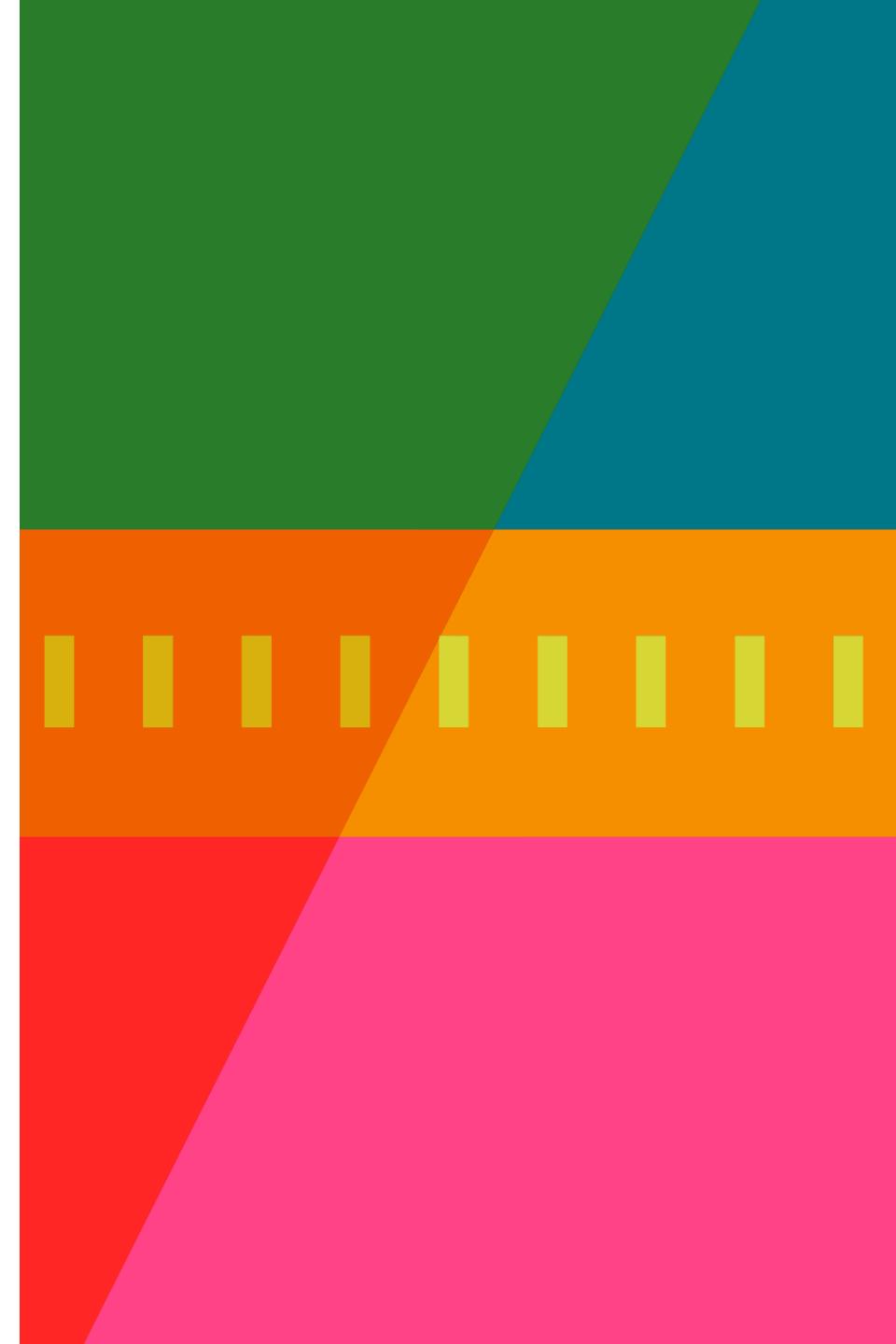
- Os cordões são grupos prioritariamente percussivos, responsáveis pelas primeiras músicas feitas para o carnaval. Misturavam em suas apresentações referências culturais e religiosas afro-brasileiras, menções ao catolicismo e fantasias de indígenas, diabinhos e capoeiras, entre outros personagens recorrentes.
- Passada a abolição, passaram a ser estigmatizados e atrelados a uma ideia de atraso não tolerada pela burguesia. Muitos comentários da crônica jornalística da época eram explicitamente racistas, condenando os "africanismos" como uma ameaça ao futuro do Brasil e atribuindo a esses grupos uma imagem centrada na violência e na marginalidade.
- Além da própria existência desses grupos na rua ser por si um ato político, os cordões também possuíam elementos de crítica e utilizavam do humor no próprio nome para denunciar a condição social a eles relegada, tais como os Inimigos do Trabalho, Flor dos Perebas, Teimosos da Gamboa e outros que continham termos como 'carestia' e 'esfolados'.
- O caráter contestador é evidenciado ainda em canções, como os versos apresentados pelo cordão Flor do Castelo no carnaval de 1907: "Avante, brasileiros! O que diz ser operários / Reclamar dos nossos mestres / oito horas de trabalho" (Cunha, 2011, p. 184).

Ranchos

- Ao se colocarem em espaço intermediário entre as sociedades e os cordões, os ranchos se firmaram como “os mais importantes mediadores entre os anseios populares e os projetos da elite nacional” (Ferreira, 2004, p. 304).
- Seus conjuntos musicais executavam cantigas, modinhas e choros, com o auxílio de violões, cavaquinho, flautas e clarineta. Reuniam intelectuais, escritores e artistas plásticos na execução de seus enredos e alegorias, na intenção de promoverem apresentações de cunho educativo.
- Os temas eram sérios e raramente contestatórios, como narrativas históricas sobre o Egito Antigo, personagens mitológicos, exaltações à natureza e celebrações patrióticas.
- Apesar do caráter – aparentemente – domesticado, a força politizada dos ranchos era evidenciada no poder de negociação que estabeleciam com as elites. Além disso, a crítica social estava contida no nome do rancho Miséria e Fome e na ligação do Recreio das Flores com o sindicato Resistência, dos estivadores do Rio. Segundo Cunha (2011, p. 233), essa relação “podia significar como símbolo de ascensão, legitimidade e autoestima para esses estivadores do cais do porto, olhados sempre com desconfiança e cuidado”.

Blocos

- Os blocos eram “versões mais pobres e mais populares que os ranchos, tempero suburbano do carnaval que desfilam coesos e possuem denominações mais ou menos espirituosas e pitorescas” (Ferreira, 2004, pp. 277-278).
- Ao longo do século XX, sociedades, ranchos e cordões perderam prestígio e popularidade para as escolas de samba, fazendo com que tais termos e as possíveis diferenças entre essas instituições sucumbissem. Assim, uma nova organização da folia carioca se fez, dividido entre o carnaval de avenida (escolas de samba), de rua (sintetizado nos blocos) e de salão (ou outros eventos privados).
- Os brincantes dos blocos protestam por meio de canções satíricas, sobretudo marchinhas. A crítica também é feita através de fantasias e de máscaras com os rostos de políticos e outras personalidades em evidência, quase sempre com a intenção de ridicularizá-los.



Considerações finais

- Quando surgiram, no final dos anos 1920, as escolas de samba absorveram em sua estrutura referências dos outros grupos carnavalescos.
- Observar esse percurso histórico ajuda a compreender, por exemplo, como as escolas se inspiraram nos cordões e nos ranchos ao seguir preceitos de formalização e elaboração de uma estrutura que garantisse a legitimidade das diferentes esferas de poder. Esses agrupamentos de indivíduos marginalizados, em busca de inclusão social, estabeleceram processos de negociação como forma de sobreviver e ampliar sua rede de apoio e de influência.



- Por isso, não podiam esbravejar a crítica em um primeiro momento, tal como as sociedades faziam. Afinal, estas eram compostas por indivíduos 'respeitados', o que lhes assegurava o direito à manifestação sem punições severas nem desqualificação social. Já as escolas de samba seguiram a tendência dos ranchos de elaborarem narrativas patrióticas e sobre a natureza. O tom politizado surgiu de forma mais enfática nos desfiles apenas a partir dos anos 1980, dentro do processo de redemocratização do país.

- Também era radicalmente distinta a perspectiva com a qual a crítica feita à situação do negro no Brasil foi realizada. Isso porque, para além das diferenças inevitáveis de pensamento em cada contexto histórico, as sociedades eram feitas por indivíduos majoritariamente brancos que pretendiam finalizar a escravidão formal, mas sem encerrar a condição de submissão das etnias inferiorizadas.
- Neste aspecto, a denúncia que as escolas de samba promovem sobre a condição de negros e indígenas no país é significativamente mais ousada e revolucionária. Afinal, é uma performance realizada, sobretudo, por pessoas negras e periféricas, que reivindicam uma ruptura com a estrutura social desigual.



Referências

Costa, H. (2007). *Política e religiões no carnaval*. Irmãos Vitale.

Cunha, M. C. P. (2011). *Ecos da Folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras.

Diniz, A. (2008). *Almanaque do carnaval: A história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Jorge Zahar Ed.

Ferreira, F. (2004). *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Ediouro.

Obrigado!



Rafael Otávio Dias Rezende

Mestre em Comunicação.

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Membro do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (Namídia) / CNPq.
rafaelodr@yahoo.com.br